A tarefa central e a forma suprema da revolução é
a conquista do poder político pelas armas,
é a solução desse problema pela guerra.
Esse princípio revolucionário do marxismo-leninismo
é válido universalmente, tanto na China
como em todos os outros países.

Mao Tsé-Tung
Pequeno Livro Vermelho, Cap. V

PREÂMBULO

Sem conseguir ocultar o nervosismo que o seu olhar transparecia, apesar de todo o seu restante comportamento e postura semelhar o de alguém imperturbável face a todos os tumultos de um mundo cada vez mais complicado de ser gerido, Ronald Harrison fez um compasso de espera, fingindo nesse entretanto ajustar os finos óculos que somente utilizava aquando de situações similares, de grande impacto, como a que iria suceder com aquelas poucas dezenas de pessoas que o escutariam, discursos que inevitavelmente acabavam por ter enormes repercussões nos biliões de outros seres pensantes que ignoravam que as suas vidas dependiam muitas vezes de meros caprichos ou vontades de homens como este engenheiro informático grisalho, sempre impecavelmente vestido com roupas de marcas dispendiosas, com pouco menos de meio século de vida, doutorado em física aeroespacial na Universidade de Princeton, especialista em gestão de empresas de capitais de risco que apostavam em novas tecnologias, depois de ter feito uma pós-graduação nessa área em Harvard e, além de um extenso currículo enquanto académico e palestrante, um dos mais requisitados consultores por parte dos grandes grupos económicos, assim como de governos geridos por políticos com poucos escrúpulos no tocante a desviar para proveito próprio aquilo que tanta falta fazia aos seus respectivos concidadãos.

Ocasionalmente, este arrogante e altivo perito em tudo quanto estivesse relacionado com avanços na Internet também desempenhava funções de conselheiro pessoal do presidente norte-americano, de quem se dizia grande amigo desde os tempos em que o recomendara a investir em determinados empreendimentos, como nas telecomunicações, nomeadamente nas designadas videochamadas, o que permitira um substancial crescimento da sua fortuna pessoal.

Maldita a hora em que dei ouvidos àquele chinês! Teria sido preferível ir atrás do tipo de Portugal que pôs tudo em polvorosa! Segundo aquilo

que o pessoal da NSA me disse, o Snowden[1]*, quando comparado com o que esse fez e tem feito, é um menino de coro!*, remoía Harrison enquanto pigarreava para aclarar a voz, observando de relance a plateia que estava diante do púlpito preparado para receber oradores cuja maior capacidade consistia na frieza e desprendimento com que transmitiam e expunham números compostos por imensos algarismos como se estivessem a falar de meros trocos ou de minudências sem qualquer relevância.

Como pude acreditar nesse sujeito que Pequim pôs aqui em prol dos seus interesses? Fui tão bem comido!, arfava com contenção, mantendo uma expressão de seriedade, confirmando o conteúdo do reduzido bloco de apontamentos que nunca deixava de ter consigo, frases capitais que serviam para relembrar o que tinha de dizer naqueles eventos.

Enfim, há que seguir em frente e tratar de pôr ordem no caos em que o mundo em geral caiu, nesta poça de lodo onde eu em particular me encontro por mera estupidez e ingenuidade... e tudo por um rabo de saias! Mas era... Era, não! É um pedaço de mau caminho que, no fundo, ainda me deu um certo gozo... Isto é, nas partes que consigo recordar!, suspirou mais uma vez antes de, resoluto, enfrentar uma audiência repleta de semblantes pouco simpáticos. Poder-se-ia mesmo dizer que aqueles que ali se encontravam para o ouvir estavam também prontos para o julgar sem a mínima contemplação possível.

— Meus senhores... e minhas senhoras... — assim começou, com um sorriso algo travesso, mas que não suscitaria qualquer comoção entre os que o escutavam, aquele que era uma das poucas pessoas no mundo que estava a par dos que tinham sido classificados pelos entendidos como os mais importantes e secretos acordos políticos e financeiros feitos nas últimas décadas. — Não vou divagar. Pelo contrário, vou ser o mais franco e objectivo possível. A China está a ganhar esta guerra... Com a ajuda da Rússia, claro! E nós somos os culpados.

Este estranho e inesperado *mea culpa* provocaria um certo burburinho entre os ouvintes, alguns dos quais envergavam máscara cirúrgica

[1] Edward Snowden (n.1983), analista de sistemas da CIA e da NSA que denunciou os programas de vigilância global utilizados pelas agências dos serviços de informação dos Estados Unidos. Para escapar à prisão, exilou-se na Rússia.

devido às medidas que as autoridades de saúde propalavam desde há meses para evitar a propagação de um vírus que paralisara boa parte da economia mundial, gente que não estava habituada a perder, mas, antes, a ter tudo quanto quisesse e desejasse à sua imediata disposição.

Percebendo que tinha captado o interesse da assistência, Harrison tratou de justificar aquela sua afirmação recorrendo à projecção de imagens no grande painel branco que estava atrás de si. Munindo-se de um pequeno comando, pressionou um botão e as luzes provenientes das lâmpadas encastradas no tecto diminuíram consideravelmente de intensidade enquanto um projector se ligava e espalmava na imaculada tela um mapa do país mais populoso da Terra.

— O grande dragão acordou... — recomeçou o orador depois de ter passado uma fotografia das muralhas que cercavam a Cidade Proibida de Pequim.

Após esta imagem, que serviu para testar a atenção da assistência, seguiu-se uma outra em que se via a gigantesca Praça de Tiananmen repleta de filas de militares impecavelmente fardados que marchavam naquilo que parecia ser uma cerimónia solene sob o olhar atento do ingente retrato de Mao Tsé-Tung, pendurado nas ameias dos altos muros.

Pegando num livro de capa encarnada com letras douradas grafadas sob uma estrela de cinco pontas de igual tom áureo, o consultor retomou o discurso enquanto dava conta de que em alguns dos rostos que estavam diante de si uma certa inquietação e ansiedade pareciam assomar.

— ... e como os ensinamentos do fundador do seu estado nunca foram esquecidos, tudo tem sucedido conforme aquilo que foi previsto ou preparado há bem mais de cinco décadas. Jamais como agora aquilo que Lin Piao, outrora ministro da Defesa do *Grande Timoneiro*, ou, segundo outros, Hu Qiaomu, seu ajudante durante um quarto de século, reuniram nestas páginas, o compêndio dos seus pensamentos, quatrocentos e vinte e sete, para ser mais exacto, distribuídos por trinta e três capítulos naquilo que se tornou no livro mais vendido de sempre depois da Bíblia, foi tão bem aplicado...

Num breve compasso de espera, teatralmente preparado enquanto molhava os lábios num copo de água que estava oculto sob a estante

do ambão onde se encontrava, Harrison sentiu que lograra captar sem excepções a atenção dos que até ali se tinham deslocado para o ouvir.

Grandes filhos da puta!, concluiu, sobrelevando subtilmente o sobrolho esquerdo, gesto que fazia quando estava confiante, enquanto voltava a colocar o recipiente que levara à boca no local de onde o retirara. *Agora, que o mal está feito, que já sugaram tudo quanto havia para sorver do mundo e que não sabem o que fazer para evitar ter de provar do próprio remédio, procuram um milagre! Pois, eis que aqui estou, como profeta, mas, desta feita, da desgraça, sobretudo se não fizerem conforme aquilo que tenho para vos transmitir!*, rematou com evidente malícia o pensamento antes de voltar a concentrar a atenção na plateia.

— Nunca como agora, repito, a consubstanciação daquilo que o principal político comunista chinês pensou e disse esteve tão perto da sua plena concretização. Deng Xiaoping, aquele que acabaria por ascender ao cargo máximo menos de três anos após a morte de Mao, mal-grado as perseguições que sofreu durante os dias da Revolução Cultural e de ter sido desacreditado pelo próprio Mao durante o oitavo Congresso do Partido nos idos de 1966, soube, melhor do que ninguém, colocar em prática a política que, pacientemente, transformou aquilo que era um país fechado e atrasado num colosso económico, um país que nos dias que correm tem praticamente todos os outros na sua mão...

Em poucos minutos, uma verdadeira lição de História Contemporânea seria ministrada por quem, quando jovem, viu no espaço sideral o local ideal para fazer carreira.

— Quis ser astronauta — dizia amiúde Harrison em diversas ocasiões, como sucederia naquela situação, quando pretendia desanuviar o ambiente após mais uma exposição de problemas cujas soluções envolviam invariavelmente quantias de dinheiro capazes de envergonhar e de causar inveja ao mítico rei Midas —, mas como, segundo alguns médicos, tinha o pé chato, chumbei nos testes de admissão à NASA, pelo que tive de me dedicar a outras causas, como tentar perceber as razões pelas quais o mundo, apesar de ser redondo, está cheio de gente quadrada e como é que os satélites que colocamos a girar em torno

da Terra, que podem ser, e são!, cada vez mais eficientes e capazes de detectar os movimentos daqueles que temos como nossos adversários, são subaproveitados e o seu potencial bastas vezes desperdiçado por falta de financiamento e de formação de técnicos capazes de os gerir devido aos políticos que são eleitos para ocupar, por exemplo, a Casa Branca e o Capitólio...

Alguns rostos descongestionaram-se e exibiriam ténues sorrisos, não obstante aquilo que ia sendo dito serem revelações assustadoras que os colocavam a par do que se esperava que sucedesse nos próximos tempos nos campos financeiro, económico, político e até militar.

— No entanto, houve um certo desleixo nos últimos anos, fruto das políticas mais... mais, digamos, *sociais* empreendidas por alguns dos nossos dirigentes, políticas que resultaram em cortes no financiamento às agências que têm zelado pela nossa segurança desde o final da Segunda Guerra Mundial.

Voltando a mostrar o *Pequeno Livro Vermelho*, o consultor recordou, sem necessitar de ler, algumas frases do conteúdo daquela obra para acentuar aquilo que fora pensado quando parecia que no planeta só existiam dois blocos, o capitalista, gerido pelos norte-americanos, e o comunista, orientado pelo Kremlin.

— «É preciso que a totalidade dos quadros e do povo tenha em mente que a China é um grande país socialista, apesar de ainda ser pobre e economicamente atrasado. Para que o nosso país se torne próspero e poderoso são necessárias dezenas de anos de esforços intensos, entre os quais a indispensável aplicação de uma política de diligência e uma economia própria na edificação do país, uma política que implica uma gestão rigorosa e uma luta contra o esbanjamento.» Assim consta no capítulo XX... Alguém aqui presente duvida disto que acabei de recitar?

Sem esperar por qualquer resposta, Harrison fingiu fazer um pequeno esforço mental para, instantes depois, expor mais um dos pensamentos atribuídos a Mao.

— «Todos os reaccionários são tigres de papel. Na aparência, os reaccionários são terríveis, mas, na realidade, não são assim tão poderosos. Vendo a longo prazo, não são os reaccionários, mas, sim, o povo quem é realmente poderoso.» Eis o que está escrito no capítulo VI deste

best-seller — ironizaria antes de explicar como é que os políticos do Politburo chinês tinham conseguido descobrir e tirar proveito das fraquezas das grandes potências ocidentais.

Paulatinamente, ao longo de décadas, concretamente após a proclamação em Outubro de 1949 da República Popular da China, Pequim, isolada, perscrutou tudo quanto sucedia para lá das suas fronteiras enquanto levava avante as suas próprias políticas, programas esses que ficariam conhecidos e registados para a posterioridade como o Grande Salto em Frente e a Revolução Cultural, aparentes projectos cívicos e planos de modernização que provocariam dezenas de milhões de mortos perante a indiferença da esmagadora maioria dos membros das sociedades dos ditos países democráticos e que, conforme análises feitas alguns anos volvidos por vários especialistas ocidentais em ciências económicas e sociais, serviriam de teste para o que haveria de suceder a partir da penúltima década do transacto século.

— «Um país, dois sistemas», assim proclamou Deng Xiaoping, um dos mais pragmáticos, calculistas e objectivos dirigentes, alguém que soube efectivamente aprender com os erros do passado. E assim tem sucedido desde então, meus caros. Nunca o capitalismo foi tão selvagem como neste país, esse mesmo sistema económico associado aos regimes democráticos, democracia essa que já Churchill dizia, em jeito de chalaça, ser o pior de todos os sistemas políticos se os demais não fossem tidos em conta.

Dando crédito ao conteúdo da exposição que ia sendo feita por quem demonstrava saber do que falava, seria graças a entrepostos comerciais, verdadeiras feitorias adaptadas aos tempos contemporâneos, como sucedeu com Hong Kong e Macau, que a China lograria, além do que obteve através do trabalho apurado da sua rede de espiões que se estendia até às mais remotas partes do mundo — afinal, qual era o país, nomeadamente ocidental, que podia dizer que não tinha uma comunidade proveniente dessas partes da Ásia no seu seio? — e através daquilo que pessoas sem qualquer escrúpulo, a troco de dinheiro, lhes venderam — segredos tecnológicos e cópias das patentes de mecanismos e programas informáticos e electrónicos —, colocar-se a par daqueles que se tornaram nos seus principais rivais, quer em termos

políticos, quer económicos, como sucedia com os Estados Unidos da América e com a União Europeia.

— Isto para não referir a questão militar! — frisou Harrison. — Não foi por acaso que Pequim permitiu que a colónia de Hong Kong e o entreposto comercial de Macau fossem administrados por potências estrangeiras durante tanto tempo, praticamente até ao final do século XX. Quando deixaram de ter utilidade nesse campo, quando, em termos económicos, Pequim já podia fazer frente às potências ocidentais, regressaram integralmente à sua posse, independentemente dos acordos oficiais firmados de transmissão administrativa. Apesar de esses territórios terem hoje um estatuto supostamente especial, com regras próprias que os diferenciam das restantes zonas do país onde se encontram integrados, a mão opressora da ditadura não deixa de estar presente. Atente-se, somente, naquilo que sucedeu há uns tempos em solo que, até há pouco mais de vinte anos, era gerido pelos britânicos...

Segundo o consultor, as recentes manifestações em prol da democracia ocorridas em Hong Kong durante largas semanas até poderiam ser uma repetição do que sucedera no final da década de oitenta do século XX em Pequim, quando milhares de pessoas ocuparam durante meses a Praça de Tiananmen e exigiram mudanças no regime, exigências resultantes de um genuíno descontentamento e que eram também o reflexo do que então sucedia na Europa de Leste.

— Como sabeis, tudo redundou numa carnificina. Até hoje, nunca se soube com exactidão quantas pessoas morreram em Tiananmen. No mínimo, alguns milhares... No máximo... Bom, qualquer conjectura transportar-nos-á para valores astronómicos, capazes de intimidar carniceiros como aqueles que foram responsáveis pelos campos de extermínio nazis ou, pegando em exemplos associados àquilo que aqui tem sido abordado, suficientemente brutais para causar inveja a líderes sanguinários como Gengiscão[2] ou Tamerlão[3]...

[2] Fundador do império mongol (c.1160-1227). Aquando da sua morte, os seus domínios abarcavam uma área superior a 20 milhões de quilómetros quadrados.

[3] Guerreiro turcomano (1336-1405), famoso pela sua crueldade, foi o fundador do império timúrida.

Enquanto este assunto era evocado, uma imagem permaneceria projectada no ecrã, a de um homem que, sozinho, no meio de uma larga e extensa avenida despida de transeuntes, fazia frente a uma coluna de veículos militares blindados, um dos episódios mais marcantes para todos quantos tinham dado atenção ao que sucedera no mundo nas últimas décadas, quadro que viria a ficar conhecido como *O Homem dos Tanques* ou *O Rebelde Desconhecido*.

— ... mas como presentemente não convém mandar os tanques e os aviões de guerra contra aqueles que exigem liberdade e melhor distribuição de dividendos, pois isso acarreta grandes custos e atrasos na implementação das directivas dos planos elaborados com discrição enquanto os holofotes vão estando apontados para, por exemplo, os Fóruns de Davos e para os encontros do Clube de Bilderberg, houve que fazer uso de outras práticas mais ligeiras, algo que o próprio Mao já tinha projectado e que só não aplicara pelo facto de os meios então ao seu dispor serem ainda deveras rudimentares. Agora... Bom, agora foram... são mais subtis. Eis a razão do... melhor, da COVID-19, acrónimo para Coronavirus Disease 2019!

A palestra chegara ao seu ponto fulcral, o anúncio da aparente razão pela qual o mundo vivia condicionado por uma suposta pandemia que teria tido a sua origem num mercado de produtos alimentares numa das mais movimentadas cidades chinesas, origem essa acidental, segundo as sempre dúbias e circunspectas fontes governamentais de regimes autoritários ou ditatoriais. O causador de tão grande mal teria sido um pangolim, pacato animal ameaçado de extinção, mas que é tido como um verdadeiro pitéu entre os apreciadores da sua carne.

— Wuhan foi, digamos, o *campo de treino*, o *tubo de ensaio*. Desde 2012 que diversas agências de informação dos mais variados países sabiam da existência, num laboratório dessa cidade, de um vírus muito semelhante ao que desde há uns meses se disseminou pelo mundo... E como se trata de uma das principais portas de entrada e de saída da China, local por onde passam diariamente centenas de milhares de pessoas provenientes de todo o planeta que aí se deslocam devido ao facto de ser, por assim dizer, uma das capitais das novas tecnologias do Extremo Oriente, o resto torna-se fácil de perceber...

Aqueles malditos judeus estão sempre a par de tudo, ruminava Harrison com algum desdém e, simultaneamente, ambição ao refrescar mais uma vez a boca antes de retomar a sua apresentação. *Ainda hoje me pergunto como é que eles conseguiram saber a forma como todo este plano maquiavélico foi sendo pacientemente forjado por Pequim com a conivência, segundo consta, de Moscovo, que não se importou de colocar à disposição dos cientistas chineses a troco de várias regalias e algumas amostras daquilo que foi fazendo ao longo de décadas nos confins da Sibéria... No fundo, há anos que Telavive avisava os ocidentais para terem cuidado com o que sucedia na China, mas Washington nunca fez caso disso, ocupada que estava com os fundamentalistas islâmicos — quase todos, de algum modo indirecto, financiados pelos russos e pelos chineses! — e com as diatribes do Hugo Chávez e demais aliados deste e do seu sucessor, o Maduro. Os nossos satélites jamais detectaram quaisquer movimentos para lá dos habituais e as informações recolhidas pelo pessoal em terra foram sempre de escassa relevância, conforme hoje se vê quando confrontadas com tudo quanto, afinal, acabou por suceder*.

Inspirando fundo, mantendo uma expressão austera, carranca essa coincidente com a que praticamente todos os elementos da assistência exibiam e que era visível mesmo sob as máscaras cirúrgicas de fino *design* que alguns ostentavam, o orador não prolongou a breve pausa para lá do estritamente necessário.

Bom, vamos lá pôr um fim a isto, determinou, decidido, *para que esta gentalha perceba de uma vez por todas que tudo mudou, que há um novo dono disto tudo, aquele que também paga a gente como eu para estar aqui a falar daquilo que só passa ao lado de quem anda com a cabeça na lua... ou demasiado concentrado no seu próprio umbigo, como sucede com estes canalhas, refugo que só se preocupa com as suas respectivas contas bancárias quando o lucro dos investimentos, invariavelmente aconselhados por mim, não é imediato ou quando não sabem o que fazer com todo o dinheiro que têm em* offshores!

Dando a devida credibilidade ao que de seguida iria ser exposto a um grupo de pessoas cujo resultado da soma das suas fortunas pessoais equivalia a cerca de metade do PIB anual das principais econo-

mias mundiais, o assunto em questão jamais poderia ser considerado de somenos importância.

— ... e depressa se perceberá o motivo... — adiantaria o orador para, logo de seguida, projectar mais umas quantas imagens que enfatizariam aquilo que transmitia.

Depois de vários testes em pequenas comunidades remotas sem possibilidade de comunicação com os grandes centros urbanos, nem tão pouco com o restante mundo exterior, o governo chinês decidiria avançar com uma acção em larga escala.

— ... mas só após alguns especialistas terem alertado no devido tempo que o incentivo ao crescimento populacional durante o *reinado* de Mao poderia acarretar graves consequências...

Segundo constava, conforme Harrison aproveitaria para relembrar, o *Grande Timoneiro* terá reconhecido, pelo menos, dez dos inúmeros filhos que fez, tanto às mulheres que desposou, como às incontáveis amantes que coleccionou durante toda a sua vida.

— ... pois a férrea política de controlo da natalidade também nunca funcionou devidamente — recapitularia quem então tinha a plena noção de que tudo quanto dizia era tido em devida conta por aqueles que o escutavam atentamente. — Só a título de exemplo, Deng Xiaoping, de quem há pouco se falou, terá tido pelo menos cinco filhos, independentemente de ter sido um dos mais destacados promotores da designada política do filho único, implementada pouco tempo depois de ter subido ao poder. Perante isto, a solução encontrada para esta questão consistiu em, de certo modo, *colonizar* o mundo.

Uma certa agitação tomaria conta de umas quantas cadeiras após esta revelação, mas nada de extraordinário, nem o quanto bastasse para alterar o sentido do discurso.

— Só que, para tal, havia que *escravizar* outros povos. E como é que isso foi feito?

Mais uma vez, tratava-se de uma pergunta de retórica. Não esperando qualquer resposta, o palestrante avançaria com as devidas explicações acerca de como é que tudo sucedera.

— Comprando dívidas públicas! Nem mais! Nenhum país é detentor de tantas dívidas soberanas de estados independentes como

a China. Ora, graças a isso, Pequim pode exercer, conforme os seus interesses, a pressão que quiser para que os governos desses países, liderados na maior parte dos casos por políticos fracos ou poucos escrupulosos, permitam a livre instalação de comunidades de chineses que tratam de agir como autênticos agentes de promoção e venda de tudo quanto é fabricado na China, o que invariavelmente resulta no colapso das indústrias locais, pois, conforme sabemos, praticamente tudo o que é feito além dos Himalaias tem, na generalidade dos casos, um preço de produção desproporcionalmente baixo.

Tendo logrado aprender com aqueles que durante anos tiveram, com o beneplácito das autoridades de Pequim, as suas instalações fabris instaladas em território gerido pelos sucessores de Mao Tsé-Tung pelo facto de aí a mão-de-obra ser obscenamente mais barata quando comparada com a do Ocidente, os empresários propositadamente criados pela política «um país, dois sistemas», genuínos gestores económicos subordinados às directrizes sigilosas dos líderes comunistas instalados na Cidade Proibida, trataram de, sem qualquer tipo de dilema moral, copiar, imitar e reproduzir em larga escala tudo quanto era feito dentro das suas fronteiras pelos industriais e grandes grupos económicos capitalistas, gente que não se importava de pagar avultadas somas aos membros do Politburo desde que estes não interferissem nas suas linhas de produção.

Depois de uma discreta aplicação dessa acumulação de conhecimentos no campo prático, Pequim trataria seguidamente de incentivar a replicação à escala da população mundial desses produtos contrafeitos e de dar início à exportação do que passava a ostentar marcas de bens que eram fabricados não só no interior daquele que, para a maioria das nações tidas como evoluídas, continuou a ser um país deveras misterioso, como também em locais onde o custo de fabrico ainda era bastante rentável.

— Veja-se o que aconteceu em África, o primeiro campo de experimentação de Pequim. Observe-se concretamente o que sucedeu em Angola, um dos países com mais recursos naturais, mas onde apenas parece ter existido interesse das potências ocidentais, em particular dos Estados Unidos, enquanto andaram às cabeçadas com aqueles que

eram patrocinados por Moscovo, negligenciando por completo investimentos que hoje poderiam ser mais-valias importantíssimas. Conforme é do vosso conhecimento, nada disso foi feito, nem quando os governos corruptos tomaram definitivamente conta de todo o país, o que se consolidou assim que lhes foi entregue o líder da UNITA após Washington ter considerado que não havia interesse em prolongar uma guerra quando os soviéticos começavam a deixar de existir... isto é, quando a União Soviética entrou em colapso, arrastando consigo todos quantos dela até então tinham dependido.

No entanto, o resumo histórico não era assim tão simples. Além da suposta *colonização* do mundo por parte dos subordinados, dos que então se tinham instalado atrás dos muros da velha Cidade Proibida, havia um sentimento de desforra, algo que Mao Tsé-Tung tão bem previra e que o levara a legar aos seus sucessores a responsabilidade de colocar em prática.

— Tal como há mais de cem anos a China foi o *tubo de ensaio* para a pandemia que viria a ficar conhecida como Gripe Espanhola ou Pneumónica e cujo aparecimento e propagação resultaram da necessidade de os principais adversários do II Reich alemão possuírem uma arma biológica que permitisse acelerar a derrota das chamadas Potências Centrais logo após a entrada dos Estados Unidos naquele que foi o primeiro conflito à escala planetária, o mundo, nomeadamente o dito ocidental, sofre agora na pele aquilo que andou a testar há cerca de um século em solo chinês, aquilo que um então jovem Mao teve oportunidade de ver e de apreender.

Sedento de vingança — segundo versões não oficiais da sua biografia, Mao perderia vários elementos da sua família, vitimados pelo vírus da *influenza*, despudoradamente utilizado pelos cientistas e militares norte-americanos nos testes que realizaram nos finais de 1917 nos territórios então geridos pelos políticos que tentavam implementar a Revolução Xinhai —, o futuro líder daquele que se tornaria no maior Partido Comunista a nível mundial tratou de reunir o máximo de informação possível sobre os planos de Washington para dominar o planeta enquanto fazia frente aos seus adversários internos, aos que

impediam a vitória dos operários e camponeses, a qual só sucederia definitivamente em 1949.

— Apesar de o socialismo, quando directamente associado ao marxismo e analisado por quem seja céptico em relação a esta forma de política, «ser a filosofia do fracasso, a crença na ignorância, o evangelho da inveja» e «enquanto o defeito do capitalismo é a distribuição desigual de benesses, no socialismo há que contar sempre com a distribuição igualitária de miséria», conforme afirmou em tempos Churchill, a China, recorrendo ao exemplo dado pela União Soviética de Estaline, logrou fazer funcionar com maior precisão um regime autoritário e centralizado que governava sem contemplações uma população que jamais soube o que é a verdadeira democracia, que nunca conheceu a genuína liberdade, aquela liberdade que já Bakunine[4] dizia que «sem socialismo era apenas privilégio ou uma injustiça, mas que socialismo sem liberdade não passava de escravidão e de brutalidade».

Recorrendo mais uma vez aos aforismos ditos pelo velho Churchill para explicar o seu ponto de vista, Harrison demonstraria então que o Ocidente fora sempre uma contínua fonte de inspiração para os tiranos que proliferaram um pouco por todo o mundo durante grande parte do século XX, fundamentalmente os que viveram para lá da antiga Cortina de Ferro, assim como os que se instalaram na península coreana a norte do paralelo 38.

— ... pois jamais podemos olvidar que «sucesso é ir de fracasso em fracasso sem nunca se perder o entusiasmo». Em suma, o que estamos a viver presentemente é o resultado de uma vingança, uma simples e pura *vendetta* pelo que foi feito há mais de um século. Afinal, nunca como agora o adágio que diz que alguém que não se importa de esperar o tempo que for necessário para alcançar os seus objectivos tem paciência de chinês fez tanto sentido — concluiu o palestrante com alguma teatralidade.

Saindo de imediato do púlpito e já envolto pela súbita escuridão que se instalou em seu redor assim que desligou as luzes do projector utilizado para enfatizar os motivos e os alvos daquela que era a Nova

[4] Mikhail Aleksandrovitch Bakunine (1814-1876), político russo, uma das figuras mais influentes do anarquismo.

Ordem Mundial, o orador sentiu que tinha conseguido alcançar os objectivos a que se propusera antes daquela apresentação.

O mundo é uma aldeia, sorria enquanto era rodeado por algumas das pessoas que o tinham escutado atentamente, gente que queria mais esclarecimentos acerca do que fora dito. *Amanhã, todos os que importam vão estar a par do que aqui se passou. E depois de amanhã, tudo o que é relevante vai estar conforme o nosso interesse, o interesse de quem soube perceber que a configuração do universo mudou completa e irreversivelmente. A partir de hoje, os investimentos destas pessoas serão feitos no que supostamente vai servir para parar aquilo que Pequim não conseguiu controlar e manter fechado em Wuhan, nomeadamente o que foi feito a mando dos políticos que estão no poder desde a morte do Xi-Jintao Zemin, esse ingénuo que acreditava ser possível mudar o sistema que o colocara à frente dos destinos do seu país. No fundo, vamos todos ficar ainda mais ricos graças a umas vacinas que servirão para anular algo que, conforme já se sabe, mata menos do que a gripe sazonal, vacinas essas cuja aplicação nas pessoas passará a ser anual. Anual! Ora, só nos Estados Unidos vão ser necessárias mais de trezentas milhões de doses por ano... Se cada uma se traduzir num lucro de alguns dólares para aqueles que as fabricam...*

Uma incontida euforia apoderar-se-ia do consultor, pelo que considerou mais prudente abster-se de revisitar as conclusões a que rapidamente chegara e dar mais atenção àqueles que o bombardeavam com questões.

Bom, vou parar. Caso contrário, ainda perco a minha credibilidade se mantiver um sorriso de louco estampado junto destes que querem os meus conselhos. Em resumo, tudo isto dá para ter uma ligeira ideia de quantos triliões as farmacêuticas e aqueles que compram as suas acções, como estes que me ouviram, vão poder ganhar!